


# TEATRO DO OPRIMIDO NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS DO CAMPO: APONTAMENTOS SOBRE A RESOLUÇÃO CNE/CP Nº4/2024.

Emiliana Maria Diniz Marques[1]

Aloani Emanoele Peres Coutinho[2]

Bianca de Freitas Gregório[3]

Jéssica Evelyn Barros[4]

Stefany Micaely Celestino de Paula[5]

**Círculo de Saber:** 04 - Formação Inicial e Continuada de Professores

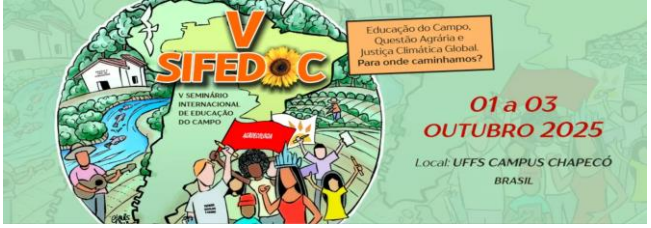
**Resumo:** Este trabalho apresenta a experiência do projeto “Arte e Agroecologia: formação e multiplicação do Teatro do Oprimido”, desenvolvido pelo Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa. Analisa os potenciais deste método teatral na formação inicial de professoras. Reflete a partir da observação participante realizada por professora e alunas dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e de Licenciatura em Geografia que multiplicam o Teatro sistematizado por Augusto Boal junto a estudantes da Educação Básica de escolas públicas e comunidades quilombolas. Busca contribuir com reflexões sobre a da Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 que estabelece diretrizes para os cursos de licenciatura no país. Conclui sobre a validade da inserção de estudantes de Licenciatura em atividades relacionadas às escolas desde o início do curso; e expressa o potencial do método do Teatro do Oprimido na formação de educadoras agroecológicas e na promoção de diálogos entre as escolas e suas comunidades.

**Palavras-chave:** Jogos teatrais; Opressões sociais; Educação Popular.

## Introdução

Este trabalho reflete sobre o processo de formação inicial de educadoras, desenvolvido pelo Projeto ´Arte e Agroecologia: Formação e Multiplicação do Teatro do Oprimido´, realizado pelo Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa (ECOA/UFV). Trata-se, portanto, de uma formação complementar à Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação em Ciências da Natureza (LICENA) desta Universidade. Porém, parte das horas trabalhadas no

[1] Professora da Licenciatura em Educação do Campo da UFV. E-mail: emiliana@ufv.br.
[2] Estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UFV. E-mail: aloani.coutinho@ufv.br.
[3] Estudante da Licenciatura em Geografia da UFV. E-mail: bianca.gregorio@ufv.br.
[4] Estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UFV. E-mail: jessica.evelyn@ufv.br.
[5] Estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UFV. E-mail: stefany.paula@ufv.br.




projeto pode ser contabilizada para uma disciplina curricular, atualmente em vigor no curso, denominada Atividades de Extensão.

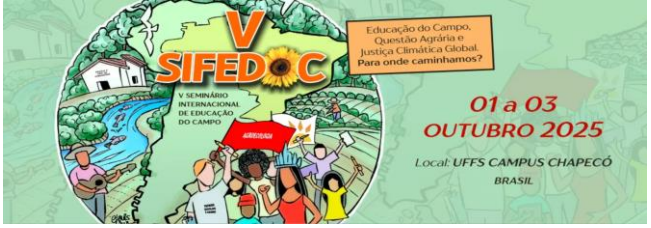
A Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 impôs alterações aos cursos de Licenciatura no país, estabelecendo diretrizes comuns para sua realização. Determinou a carga horária mínima para os diferentes grupos de componentes curriculares, a vinculação das atividades de extensão às escolas, e a realização de estágio supervisionado desde o primeiro semestre dos cursos. No que tange os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, cuja formação inclui importantes componentes correlacionados as comunidades dos estudantes e territórios do campo, a Resolução apresenta limitações ao centrar as atividades de extensão da formação de educadores nas escolas.

Durante as atividades realizadas pela UFV para subsidiar a adequação curricular dos cursos de Licenciatura à nova resolução, percebemos dificuldades em seus variados cursos, especialmente com relação a carga horária dos conteúdos de formação geral, a vinculação das atividades de extensão às escolas, e a realização dos estágios desde o primeiro semestre.

O Projeto citado, de formação em Teatro do Oprimido, desenvolve atividades de extensão vinculadas às escolas e integra estudantes do primeiro semestre em suas ações, juntamente com lideranças comunitárias e representantes de movimentos sociais. Possibilita tanto o aprendizado do método teatral por meio de vivências em minicursos como pela multiplicação prática em uma escola pública e uma comunidade quilombola. Identificamos, na prática deste projeto, um potencial elevado para reflexões dos problemas de adequação curricular trazidos pela referida Resolução.

Além disso, o projeto incide sobre pontos sensíveis da formação de professores, especialmente dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, que carecem de metodologias práticas e lúdicas em seus processos de ensino, e/ou afirmam não ter formação para trabalharem com os temas transversais obrigatórios. O Teatro do Oprimido trabalha com a criatividade, além de abordar temas do cotidiano por meio de jogos e interações corporais, constituindo um rico instrumental não apenas para educadores do campo.

Visamos, pois, compreender em que medida a aprendizagem do método do Teatro do Oprimido impacta na formação de estudantes de Licenciatura considerando




dois aspectos principais: 1. a prática dos jogos teatrais no que tange às temáticas sociais abordadas; 2. a atividade prática junto a estudantes, no espaço escolar e comunitário. Assim, apresentamos elucidações, a partir do projeto ´Arte e Agroecologia: Formação e Multiplicação do Teatro do Oprimido´, em relação a efetivação da Resolução CNE/CP nº 4 de 2024. Nossas hipóteses apontam para a validade da insersão de estudantes dos anos iniciais do curso em ações diretas nas escolas e o potencial do Teatro do Oprimido na ampliação das relações e diálogos entre escolas e comunidades. Os resultados apresentados são parciais, referentes ao primeiro semestre de desenvolvimento do projeto.

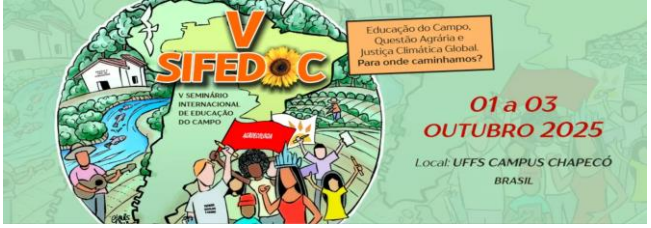
## Metodologia

A metodologia utilizada, com uma abordagem qualitativa, envolve as autoras, todas integrantes do projeto, num processo de observação participante e militante, com análise reflexiva sobre suas próprias ações, dificuldades e aprendizados do processo. “O método de estudo-ação tem o mérito de colocar e buscar a interação permanente entre a reflexão e a prática diária.” (Bonilla et al, 1984, p.151).

Nas atividades desenvolvidas são utilizados exercícios, jogos e técnicas do método do Teatro do Oprimido (Boal, 2008b) vizando montagem e apresentações de peças de Teatro-Fórum. A escrita deste trabalho, se deu de modo coletivo, constituindo também, como uma atividade de avaliação do processo. Tanto o projeto como a escrita deste artigo colocam em diálogo professora e estudantes de diferentes cursos e anos de estudo, embora com predominância da Licenciatura em Educação do Campo.

## O Projeto de Formação e Multiplicação do Teatro do Oprimido

O Teatro do Oprimido vem sendo desenvolvido no município de Viçosa desde 2012, em espaços como a Casa das Mulheres, a célula teatral Policultura do Levante Popular da Juventude, o curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, escolas públicas, entre outros. Tais ações isoladas geraram demandas por formação de estudantes, integrantes de




movimentos sociais e lideranças comunitárias para ampliação das suas práticas militantes e socioeducativas com utilização deste método teatral.

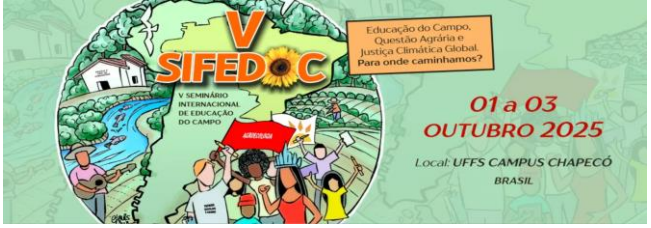
Iniciado em 2025, o projeto integra estudantes de diferentes cursos da UFV, membros de movimentos sociais e lideranças comunitárias do município em uma ação integrada de formação, pesquisa e aprendizagem sobre o método do Teatro do Oprimido, relacionando-o à Agroecologia. À formação teórico-prática realizada por minicursos, soma-se a prática de multiplicação deste método teatral em comunidades de Viçosa, por meio de oficinas de teatro voltadas para estudantes da Educação Básica, desenvolvidas em um quilombo e em uma escola estadual local.

O projeto integra ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável, desenvolvendo debates temáticos nas comunidades, promovendo a constituição de grupos teatrais escolar e comunitário, por meio de ações que integram arte, cultura, educação popular e agroecologia.

**Teatro do Oprimido, Educação Popular e Agroecologia**

O Teatro do Oprimido, sistematizado por Augusto Boal (2009; 2008a; 2008b) constitui um método estético, político, artístico e pedagógico que se propõe à leitura, representação, reflexão e transformação da realidade opressora. Guarda estreitas relações com a Pedagogia do Oprimido (Freire, 1987) e os movimentos de Educação e Cultura Popular que marcaram o início da década de 1960 no Brasil. A Agroecologia, concebida de modo amplo, considerada como Ciência, Movimento Social e Prática, também guarda estreitas relações com a Educação Popular. Abarca um conjunto de conceitos, princípios e metodologias que priorizam o cuidado com o meio ambiente e a vida, em todas as suas formas de manifestação, incluindo a vida humana.

A Agroecologia, além de se relacionar com os modos de vida e práticas agrícolas de comunidades tradicionais, camponesas, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, remete a um projeto de desenvolvimento com ações sociais que primam pelo bem estar das populações. Como o método do Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido, visa a transformação da sociedade capitalista opressora, e abarca diferentes outras opressões sociais em suas práticas reivindicatórias por territórios soberanos, livres de explorações.



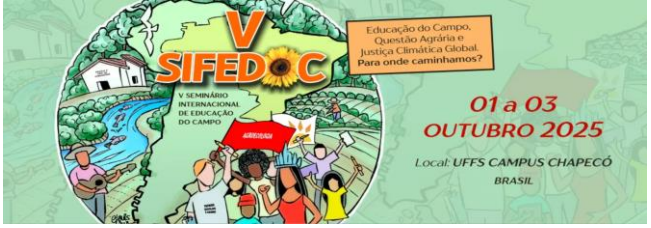

Ambas as metodologias Agroecológicas, da Educação Popular e do Teatro do Oprimido se propõem dialogadas de modo horizontal, não hierárquicas, considerando, portanto, os diferentes saberes num processo educativo e de transformação social. Considera os modos de vida e visão de mundo das populações trabalhadoras, rurais e urbanas, buscando meios de superação dos fatores que incidem de modo a prejudicar a qualidade e diversidade da vida existente. Ambas as práticas também vislumbram a apropriação dos meios para transformação social (seja a partir da lectoescrita, teatro ou agricultura) pela população em geral.

Foi um encontro com agricultores que permitiu a Boal ultrapassar o Teatro Panfletário para desenvolver o Teatro do Oprimido, garantindo meios de identificar e construir juntos as formas para transformação da realidade opressora e exterminadora de vida. Também surge da interação com as classes trabalhadora e campesina, e necessidades de suas realidades concretas, a Educação Popular. O mesmo podemos dizer do movimento agroecológico que tem por base as formas de produção de existência e conservação da biodiversidade advinda dos povos do campo.

Por fim, além da base dialógica presente em todas as modalidades do Teatro do Oprimido, a Estética do Oprimido incentiva a busca por cenários, figurinos e adereços sustentáveis, reaproveitados de objetos cotidianos. Contrapõe, assim, a outras estéticas artísticas que primam por luxo e glamour, a despeito da consciência sobre consumo e sustentabilidade. Une-se à Educação Popular, à Educação do Campo e à Agroecologia ao se pronunciar pelos oprimidos, com os oprimidos e por um mundo onde prima o direito à vida digna, com saúde, educação de qualidade, comida de verdade, livre de preconceitos e opressões.

**Formação de professoras pela vivência e multiplicação do Teatro do Oprimido**

Aprender a trabalhar com o método do Teatro do Oprimido implica em dominar técnicas, exercícios e jogos que propiciem a expressão sensorial, sinestésica e estética de temas relacionados ao cotidiano social das pessoas participantes. Para tal, as professoras em formação vivenciam o método, participando de minicursos teatrais com prática dos jogos e processos de montagem de cenas temáticas e de Teatro-Fórum. Nesta modalidade do Teatro do Oprimido a peça termina com um final




infeliz para a personagem protagonista. Assim, ao final da apresentação, o público é convidado a atuar em cena, substituindo tal personagem, para agir diferente em busca da solução para os problemas exibidos.

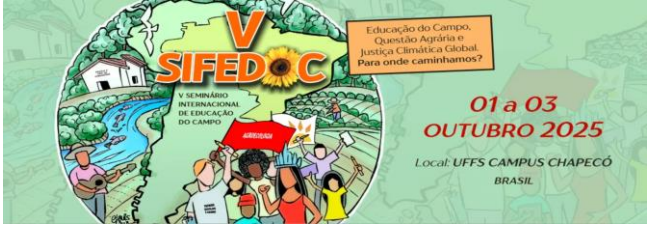
Os temas surgem da realidade concreta, de vivências pessoais, e as cenas permitem magnificar e contextualizar seus significados por meio de diferentes signos e metáforas que envolvem o corpo, os objetos, as imagens, sons e palavras em cena. Os exercícios e jogos têm uma função inicial fundamental para descontrair e promover integração coletiva. A partir daí, somam-se técnicas que permitem revelar diferentes universos temáticos cujos significados serão aprofundados por meios estéticos, com leituras e reflexões sobre a realidade e partilhas de vivências pessoais. É, portanto, indissociável ao aprendizado e domínio de um jogo ou técnica, a reflexão sobre opressões sociais e sua utilização em outros contextos. A dimensão temática que suscitam permite, também, adaptações para diferentes conteúdos escolares.

Em uma das oficinas, por exemplo, foi desenvolvido um jogo de improvisação. O grupo foi dividido em dois, para criar uma cena de opressão. Depois de uma breve conversa relacionada à questão racial, foi selecionada a problemática do cabelo. O grupo teve facilidade para entrar em consenso, pois a maioria das integrantes já havia sofrido alguma opressão envolvendo seus cabelos. Foi construída a cena de um padrasto que zombava do cabelo cacheado da enteada e do enteado.

Na cena a enteada se penteava e sorria para um espelho. Quando o padrasto entra na cena e vê a menina, ri sarcasticamente, perguntando se ela iria sair com o cabelo daquele jeito. Então se vira para o enteado com uma máquina de cortar cabelos e raspa os do menino. Na cena final, a menina prende o cabelo com uma fita e sai com seu irmão. Quando se sentam em um ambiente coletivo, são ridicularizados por duas outras meninas que também zombam de seus cabelos. E a cena acaba.

Foi feito um debate sobre como a estética do cabelo se relacionava ao racismo e histórias foram compartilhadas. Um sentimento inicialmente vivido como particular ganhou dimensão coletiva e social.

> Opressão é uma relação concreta entre indivíduos que fazem parte de diferentes grupos sociais, relação que beneficia um grupo em detrimetodo outro. [...] Não se pode compreender a relação [...] entre um branco e um negro sem levar em conta o racismo” (BOAL, 2010, p.124-125).




O Teatro do Oprimido revela as opressões através da estética; trabalha e desenvolve histórias ligadas às opressões sociais; aprofunda as reflexões sobre as opressões seja por meio das cenas, num processo conjunto de construção de conhecimento, ou pelos relatos partilhados, recorrendo, também, a fontes escritas.

Na cena de Teatro-Fórum montada as integrantes se dispuseram a trabalhar sobre o próprio universo acadêmico-universitário e suas violências e processos de exclusão cotidianos. A apresentação pública da peça e abertura do diálogo para outros públicos, inclusive de estudantes da Educação Básica, ampliou a visão sobre os mecanismos de violência institucionais e sociais e sua reprodução, seja no âmbito da educação escolar ou universitária.

Assim, a partir das experiências vivenciadas ao longo do projeto ´Arte e Agroecologia: formação e multiplicação do Teatro do Oprimido`, foi possível observar o fortalecimento de uma formação crítica e emancipadora entre as participantes — um aspecto central tanto na proposta pedagógica de Paulo Freire quanto nas práticas da Educação Popular e da Agroecologia. Mas o Teatro do Oprimido se torna ferramenta de transformação social quando, além de entender o problema, seus integrantes se envolvem em ações concretas para suas soluções.

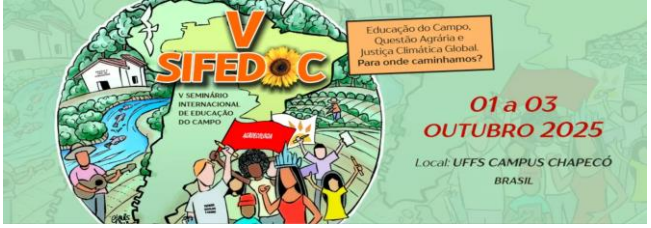
**Jogos teatrais com estudantes universitários e oficina de teatro na escola.**





**Fonte: Arquivo do Projeto.**

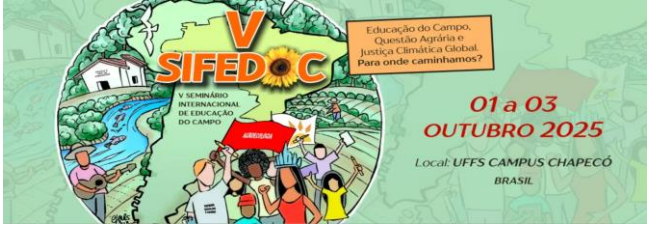
## A multiplicação do método teatral numa escola estadual




Ao longo da formação, o Projeto oferece a oportunidade de compreender com maior profundidade como se desenvolve o Teatro do Oprimido, por meio da participação ativa na multiplicação do método com estudantes da Educação Básica. Tal multiplicação pode ocorrer numa comunidade quilombola, com as oficinas teatrais desenvolvidas no centro cultural local, ou numa escola de educação integral, como atividade extra-classe. Essa vivência com estudantes proporciona um olhar mais sensível diante da realidade dos participantes e permite acolher os saberes que carregam, enriquecendo as trocas realizadas e contribuindo para a construção coletiva das cenas de opressão.

Na Escola Estadual foram realizados diversos jogos com intuito de preparar os estudantes para a montagem de uma peça de Teatro Fórum. Durante as oficinas, todos estudantes pareciam bastante envolvidos e, em pouco tempo, já estavam interagindo muito bem entre eles e com as práticas dos jogos. Alguns passavam para ir embora do colégio e, vendo o coletivo em atividade, acabavam entrando para participar também. Além disso, foi importante perceber e aprender sobre as realidades vivenciadas por cada um ali. Foi discutido qual tema eles gostariam de abordar. Através das técnicas teatrais identificamos temas como racismo, bullying, violência contra a mulher e assédios moral e sexual.

A multiplicação do método teatral em escolas e comunidades permite colocar estudantes de licenciatura em atividades práticas de contato direto com estudantes da Educação Básica, atuando como referência e responsável por uma atividade artística educativa. Por meio da prática do Teatro do Oprimido apreende-se um outro jeito de ser professora: uma professora popular, freiriana, que junto e em diálogo com estudantes, aprende enquanto ensina. Conforme expressou uma das autoras deste texto, estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, durante o processo coletivo de escrita e avaliação: “No Teatro do Oprimido sempre tem mais a se descobrir; foi um desafio começar como multiplicadora desse processo. Acabei percebendo aos poucos que no fundo, não era eu quem o guiava, ele já estava acontecendo em cada relação ali. Isso é Teatro do Oprimido: integração, coletivo e transformação. Tirei como uma grande experiência, através do Teatro do Oprimido, entender que ao ensinar, eu também estava aprendendo. E ao sentir, ouvir e enxergar o outro, gerava espaço para diálogo”.




**Teatro do Oprimido e formação de educadoras populares e agroecológicas**

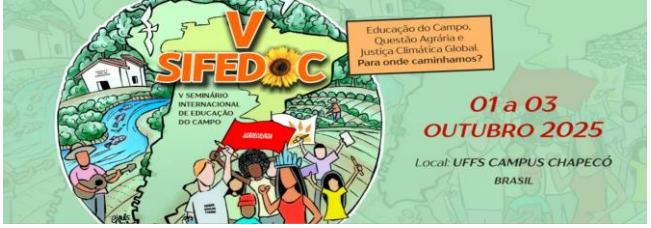
O Teatro do Oprimido cria espaços de escuta e diálogo, fortalecendo vínculos entre aqueles que ministram as oficinas e aqueles que participam, fazendo uma troca de conhecimento entre ambos, o que promove o aprendizado coletivo, essencial para enfrentar situações de opressão presentes no dia a dia. Na formação de professores, o teatro atua como uma ferramenta pedagógica muito importante, pois ajuda os professores e o público em geral a debater situações do cotidiano e encontrar soluções para enfrentá-las. Dessa forma, o teatro cria sujeitos que questionam as situações de opressão vivenciadas e buscam transformar a realidade vivida por eles.

Quem participa do Teatro do Oprimido desenvolve a capacidade de se colocar no lugar do outro, de entender as diferentes perspectivas e de construir uma relação mais humana, não somente com os participantes em si, mas também com a sociedade. Participar do Teatro do Oprimido é uma experiência que vai muito além da atuação. É um jeito de enxergar a própria vida com outros olhos e, muitas vezes, de começar ou pelo menos tentar mudar essa realidade. Dentro do teatro, encenam situações que acontecem no nosso dia a dia, como racismo, preconceito, violência contra a mulher, entre outras situações, e passamos a entender melhor o que acontece ao nosso redor. Dessa forma, debatemos e pensamos em como mudar ou reverter essa situação.

Além disso, o teatro abre portas para que as pessoas possam se expressar e contar suas histórias. Muitas vezes, essas pessoas nunca tiveram espaço para falar ou nunca foram escutadas. O teatro possibilita esse espaço para que elas contem suas histórias e possam ser ouvidas. Através da escuta e encenação de outras histórias e vivências, os participantes desenvolvem a empatia e passam a se colocar no lugar do outro, passando a entender mais sobre o que o outro sente e o que o outro vive. E isso muda a forma como nos relacionamos, tanto no trabalho quanto na vida pessoal.

Além disso, como expressa Boal:

> Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça




> pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar… até mesmo dentro dos teatros. (2008b, p.IX - propostas preliminares).

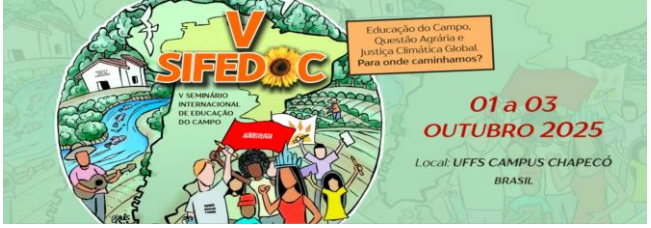
Esse princípio do Teatro do Oprimido não distingue atores de não-atores, acolhe a diversidade das pessoas e da vida humana, e revela a importância e responsabilidade de nossas ações. Também permite que se crie o teatro e desenvolva arte em qualquer lugar, a partir dos elementos do cotidiano, tal qual a "arte" agroecológica.

Por fim, Boal ainda afirma que "todos seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos *expect-atores*." (Boal, 2008b, p.IX - propostas preliminares). Ao estudar as relações entre a Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido, Paranhos (2011) soma, a este conceito, no título do seu trabalho, algo que nós, a partir da prática desenvolvida e aprendida com o projeto, concordamos: "Nós: do-discentes e expect-atores!". Docentes e discentes que estamos constantemente trocando, aprendendo e ensinando, observando, agindo, refletindo coletivamente sobre as ações, e reaprendendo, e ensinando, de forma contínua, cíclica e em conjunto.

**O projeto e a Resolução nº 4 de de 29 de maio 2024**

A Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 estabelece uma base curricular comum para os cursos de Licenciatura que inclui um mínimo de horas para as disciplinas de conhecimentos gerais, de conteúdos específicos da área de formação, de atividades de extensão realizadas nas escolas e de estágio supervisionado iniciado desde o início do curso. Na UFV as opiniões de docentes divergem quanto à pertinência desta Resolução. Alguns entendem como válido colocar o estudante em contato com seu campo de atuação desde o princípio da formação; outros consideram precipitado o estágio sem o devido aprofundamento teórico. Há cursos que encontram desafios para se adequarem à carga horária exigida de conhecimentos gerais e para realizar as atividades de extensão nas escolas.

O Projeto ´Arte e Agroecologia: formação e multiplicação do Teatro do Oprimido´ nos revela que é pertinente integrar estudantes de início do curso em ações diretas nas escolas. Por meio deste projeto uma aluna caloura desenvolve oficinas

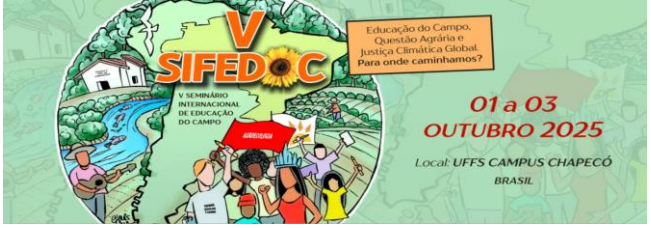



teatrais para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e vem conduzindo um processo coletivo e dialogado de motagem de uma peça de Teatro-Fórum sobre violência doméstica. Ao focar o debate sobre temas sociais como relações de gênero, por exemplo, a formação com Teatro do Oprimido favorece a desmistificação do trabalho com temas transversais obrigatórios. Garante, também, uma formação humana que amplia o significado da docência para além da ação de professar – de forma arbitrária e desconectada à realidade – os conteúdos disciplinares.

Para as Licenciaturas em Educação do Campo, que formam para a gestão de processos educativos escolares e não escolares, centrar as atividades de extensão nas escolas pode ser considerado uma limitação. Porém, o foco na escola, ou com atividades realizadas a partir dela, pode favorecer sua transformação em espaço privilegiado para as ações de interligação efetiva com suas comunidades. As oficinas teatrais com estudantes na comunidade quilombola, por exemplo, tem possibilitado revelar as práticas de bullying e mesmo racismo que os alunos sofrem no ambiente escolar. Neste caso o projeto precisará fazer o caminho inverso: levar a peça teatral, que será montada na comunidade, para dentro da escola e, assim, garantir visibilidade e reflexões sobre as violências e crimes praticados na instituição escolar urbana onde os quilombolas estudam.

Na Dramaturgia do Teatro-Fórum o momento auge do conflito é denominado de Crise Chinesa, numa alusão a junção dos ideogramas de ´perigo` e ´oportunidade` que compõe a palavra crise (Santos, 2010). Se a Resolução CNE/CP nº 4/2024 apresenta perigos nos novos desafios por ela propostos, também pode ser considerada como um momento de oportunidade para rever as relações e aproximar os cursos de Licenciatura das escolas. Conforme a Política Nacional de Extensão Universitária, esta é indissociável de Ensino e Pesquisa. Intensificar as atividades de extensão no ambiente escolar deve significar intensificar, também, ações que favoreçam o processo de transformação das escolas rurais em escolas do campo.

**Conclusão**




O desenvolvimento do Projeto ´Arte e Agroecologia: formação e multiplicação do Teatro do Oprimido` vem demostrando a validade deste método teatral no processo de formação inicial de educadoras populares e agroecológicas. Seus jogos corporais e técnicas estéticas fornecem um instrumental lúdico e potente para o trabalho com grupos e reflexões sobre o cotidiano das relações sociais de opressão, com escuta sensível, acolhimento e respeito coletivo.

Ante os desafios colocados pela Resolução CNE/CP nº 4 de 2024 para os cursos de Licenciatura no país, a experiência do referido Projeto atesta a validade do desenvolvimento de atividades de extensão com foco nas escolas, inclusive como meio de ampliar suas relações com a comunidade. Embora não se trate de Estágio Supervisionado, a atuação de estudante do primeiro período do curso de Licenciatura junto a alunos da educação básica tem se mostrado fecundo, criando espaços de diálogos com escuta sensível e conhecimento das suas realidades.

**Referências bibliográficas**

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.

BOAL, J. Opressão. In. **Metaxis: Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO-Rio**. N. 6, 2010.

BONILLA, V. D.; CASTILLO, G.; BORDA, O. F.; LIBREROS, A. Causa popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação. In: BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. 2ª ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984. p.131-157.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro: 1987.

PARANHOS, E. **Nós: do-discentes e expect-atores**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 150f.

SANTOS, B. Dramaturgia do Teatro-Fórum. In: **METAXIS – Teatro do Oprimido na Saúde Mental**. Nº 7. Rio de Janeiro, 2010.